COSTA, Maria Teresa. Sede e imóveis anexos têm valor histórico. Correio Popular, Campinas,.30 jun. 2000.

Sede e imóveis anexos têm valor histórico

A sede do Instituto Agronômico de Campinas ocupa um terreno de 46 mil metros quadrados e é formada por um conjunto de edificações espalhadas pela área. Pelo menos quatro das construções, conforme os integrantes da Sociedade Protetora da Diversidade das Espécies (Proesp), se destacam pelas dimensões e por seus inestimáveis valores históricos.

O primeiro deles, informa Márcia Corrêa, é o D. Pedro II. instalado em frente ao portão central da Avenida Barão de Itapura. É o mais antigo de todos e emergiu de uma reforma do primeiro prédio da Imperial Estação Agronômica, construído em 1888, projetado por Henrique Florence, em estilo *art noveau*.

Na década de 1960, conta a conselheira, o prédio sofreu uma reforma que por pouco não exigiu sua completa demolição, mas foi preservada sua fachada. "Essa fachada tornou-se a vinheta identificadora do Instituto nos papéis oficiais", informa. O local escolhido para se erguer este edifício partiu de um jovem austríaco, Franz Dafert, que com pouco mais de 20 anos já ostentava o título de doutor, e escolheu a gleba para este primeiro prédio caracterizando-o como "na colina onde bate o sol"

Ladeando o prédio D. Pedro II, num plano mais avançado à esquerda de quem entra pelo portão principal, está o prédio denominado Conselheiro Antônio Prado, em homenagem ao ministro que lançara a semente da Instituição ainda no Império e destinou-se desde o início de sua construção a abrigar a chamada Seção de Solos.

À direita está o prédio Franz W. Dafert, construído na gestão de Joaquim Ferraz do Amaral, em 1938, e alojava o Serviço Científico do Algodão A casa que servia de moradia para os diretores do Instituto construída em 1923, ainda hoje em perfeito estado, funciona como creche para filhos dos funcionários do Instituto.

As estufas, chamadas de "casas de vegetação", são cobertas com vidro, com estrutura em ferro, constituem um recurso fundamental da experimentação agronômica, ainda usadas e em bom estado de preservação. São admiradas pela beleza de suas cores e formas. As árvores e as palmeiras do Parque do Instituto Agronômico de Campinas, afirma a ambientalista, fazem parte do arboreto do Complexo Botânico Monjolinho, uma coleção viva de plantas ornamentais, nativas e exóticas iniciada pelo pesquisador Hermes Moreira de Souza na década de 1960. Parte da diversificada arborização da cidade de Campinas deve-se a esse trabalho pioneiro, porque o pesquisador mantinha estreito intercâmbio com o viveiro de mudas da Prefeitura Municipal fornecendo sementes para a produção de novas plantas. (MTC)